

Apresentação

Profº. Dr. Augusto Sarmiento-Pantoja
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Profº. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Profº. Dr. Gonzalo Leiva Quijada
Universidad Adolfo Ibañez (UAI)

Arte e Cultura de Resistência

Nada é impossível de mudar

Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis como é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada, de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar

Bertolt Brecht¹

Ao nos depararmos com o poema “Nada é impossível de mudar” sentimos de perto a preocupação do poeta sobre os tempos obscuros que ele viveu e se adequa facilmente ao que propusemos para o dossiê temático “Arte, Literatura e Cultura de Resistência: pensando o contemporâneo”, pois discute a necessidade de ressignificar as certezas, as aparências e as trivialidades, movimento esse que coaduna com a necessidade de discutir problemas conceituais, epistemológicos ou estéticos relacionados à arte, à literatura ou à cultura contemporâneas, como ensejado no dossiê. O ano de 2022 foi um ano particular

¹ BRECHT, Bertolt. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982, p. 90

no sentido de por conta das tensões políticas nacionais precisarmos juntar esforços para promover mudança fundamental. Trava-se de resistir contra o conservadorismo golpista que tentou por diversas vezes impor pautas antidemocráticas.

O texto de Brecht nos alerta para a necessidade de resistir mesmo diante de discursos que combatem as conquistas sociais no trivial e vimos nos quatro anos que antecederam as eleições de 31 de outubro de 2022, um conjunto de práticas danosas à democracia, com instigação ao ódio e a segregação de homens, mulheres, crianças, jovens e velhos, que não lessem e respeitasse aos pautas do conservadorismo fixada no lema de “Deus, pátria e família”, análogo ao fascismo e ao integralismo deveras danosos à sociedade contemporânea.

Brecht nos faz uma súplica para que não aceitemos, resistamos ao ataques terroristas e agressores às democracias. Nesse caminho, o grupo Narrares e a UFPA, ao propor este dossiê faz coro brechtiano no sentido de não dar voz aos subalternizados e não aceitar o autoritarismo imposto ao povo. Felizmente, a alegria venceu o medo e as eleições brasileiras tiveram nas urnas a resposta da sociedade contra o autoritarismo. Vencemos, mas não podemos vacilar, pois em vários cantos o discurso do ódio ainda reverbera e continua vivo, como efeito de uma humanidade desumanizada.

Sabemos que nada é impossível de mudar e conseguimos essa mudança, por isso, temos que continuar a mudança porque a resistência não se dá apenas quando precisamos derrubar um governo autoritário, se dá a cada dia pois temos que resistir às diversas formas de autoritarismo e mecanismos excludentes instantes nos debate sobre memória, identidade e emancipação. Sabemos que o percurso de tais investigações podem ser motivadas pela linguagem, pelas condições de sobrevivência de grupos ou indivíduos por muito tempo subalternizados, mas que hoje também tem seu lugar e sua fala. Expressam isso de diversas formas, com variadas lutas, seja quando resistem ou persistem em seu escopo analítico, no caminho da resistência proposta por Alfredo Bosi².

Em busca de observar que tais impossibilidades são superáveis, como prenuncia o texto de Brecht, vamos compor este dossiê temático para pensar a natureza do contemporâneo e a resistência. Iniciamos então, dentro do escopo da migração, o texto

² BOSI, Alfredo. *Narrativa e Resistência*. Itinerários. N. 10, 1996, pp. 11-27.

“Diálogos interdisciplinares nas literaturas de imigração judaica em *O ciclo das águas e Cabelos de fogo*”, proposto por Lucideyse de Sousa Abreu, Francisco Pereira Smith Junior e Silvia Helena Benchimol Barros, os quais relacionam a Literatura à temática da imigração dos povos judeus, em especial junto aos romances *Cabelos de fogo*, de Marcos Serruya e *O ciclo das águas*, de Moacyr Scliar. Um estudo comparado sobre o processo histórico da imigração semita no Brasil, tomando a ficcionalidade desse movimento migratório e a construção das subjetividades.

O segundo texto oferece uma reflexão sobre o conceito de Amazônia. Em “Uma certa documentalidade e uma poética do imaginário: rasuras da metáfora branca da Amazônia: Elza Lima e João de Jesus Paes Loureiro”, de Thiago Alberto dos Santos Batista e Luís Heleno Montoril Del Castillo, refletem sobre como o documental e a poética do imaginário podem se configurar nas escrituras fotográficas e poéticas, no sentido de rasurar o imaginário monocultural da Amazônia diante da mitologia branca, entendida como a representação da tradição do homem branco detentor do discurso, da língua e de si próprio como o universal. Há uma reescritura do sentido da Amazônia e do espaço-tempo dessa região na modernidade.

O terceiro texto Joaquim Adelino Dantas de Oliveira, apresenta o estudo intitulado “No fundo do poço: a alegoria anti-platônica em *O natimorto*, de Lourenço Mutarelli”. Neste estudo o romance é compreendido como claustrofóbico e alegórico, com tendência minimalista em sua capacidade significativa. Move as camadas simbólicas e suas implicações para a construção de uma crítica da realidade como tema, o pesquisador faz uma leitura de uma micronarrativa denominada “alegoria do poço” em caminho análogo à “alegoria da caverna” de Platão, em uma proposta anti-filosófica e anti-platônica da realidade.

No sentido de entender a resistência pós-colonial, o próximo artigo analisou dois romances afro-americano, com o texto: “Trauma e Resistência nas obras de Toni Morrison: uma leitura de *O olho mais azul* e *Voltar para casa*”, Rosana Ruas Machado Gomes, se propõe analisar os romances para expor como o trauma é representado neles e impacta nas personagens de Toni Morrison. Concomitante a isso, a autora busca identificar as estratégias de resistência encontradas pelas personagens e destacar sua

importância para a sobrevivência física e emocional que as envolve, fundamentada nos conceitos de trauma pós-colonial e o trauma insidioso, ligados ao racismo.

A escrita negra feminina se apresenta mais uma vez no artigo “A tensão corpórea no ato físico de escrita: um estudo sobre as obras poéticas de Warsan Shire, Upile Chisala e Safia Elhillo”, de Elen Rodrigues Gonçalves e Bárbara Inês Ribeiro Simões Daibert, um estudo sobre a poética de três autoras africanas contemporâneas, a saber: Warsan Shire (Somália), Upile Chisala (Malawi) e Safia Elhill (Sudão). Neste estudo as pesquisadoras observam como a escrita negra feminina pode ser contestadora de discursos hegemônicos, tendo a migração como ponto de partida, já que as escritoras são migradas. A análise observa como o sujeito subalterno tem voz, especialmente, o sujeito negro feminino, tomando os lugares de convergência das multiplicidades culturais sob o signo da identidade migrante quando renegociam suas experiências entre os presentes, o passado de suas famílias e de seus países deslocando as identidades subalternas.

Em seguida temos o texto de Elsa Peralta “Memórias e contra-memórias do império e do colonialismo no espaço público de Lisboa”, o qual abre uma nova sessão do dossiê focado nos rastros pós-coloniais. Nesse sentido, ela encontra, apesar do fim formal do colonialismo, marcas de continuidade ativas, que mantem-se viva, no entanto, *adaptada às ao modelos das* cidades globais do mundo contemporâneo. Ela questiona os efeitos da experiência colonial, e o debate sobre a intervenção no espaço público através da ação do movimento anti-racista global e também através de várias ações de memorialização dos “legados” problemáticos do colonialismo, tomando a cidade de Lisboa como espaço de monumentalização hegemônica e contra-hegemônicas.

Paulo Alberto da Silva Sales e Luciano Martins da Conceição, no artigo “Metaficção e (pós) memória em *Procura do romance*, de Julián Fuks” discutem a metaficcionalidade presente na obra *Procura do romance*. Em seu argumento, relaciona a escrita de ficção às (pós)memórias do personagem Sebastián. Discute a autorreflexividade no romance, relacionando a escrita metaficcional aos aspectos memorialísticos da/na escrita fictícia de Fuks.

Em seguida Augusto Sarmiento-Pantoja nos apresenta “Resistência das existências: leituras de existências femininas apagadas”, com uma categorização e pode ser lido como o modo para valorizar as subjetividades apagadas historicamente. O efeito

é a criação da categoria “resistência como existência”. O pesquisador argumenta que inúmeras obras literárias, artísticas e culturais se preocupam em dar visibilidade as existências apagadas por nossas sociedades e, por isso, se trata de outra forma de resistência. O texto analisa os romances *Desmundo* (1996), de Ana Miranda; e *O Karaíba: uma história do pré-Brasil* (2010), de Daniel Munduruku, como forma de exemplificar sua argumentação.

Tânia Sarmiento-Pantoja prossegue com “Fora da caixa. resistência como desvio”, a qual realiza uma reflexão sobre o conceito de resistência, tomando a noção de fratura, perpassando pelo conceito de desvio. A pesquisadora mapeia e delinea as principais referências sobre o conceito de resistência ligados aos estudos literários e propõe, com sólida argumentação, uma outra possibilidade de categorização para o conceito.

Outra contribuição para o dossiê é o artigo “Resistir, insistir, persistir, existir: um debate entre Martin Heidegger e Jacques Rancière mediado por Aimé Césaire”, apresentado por Irisvaldo Laurindo de Souza e Antônio Máximo Ferraz. O texto discute as divergências de Heidegger e Rancière sobre o conceito de resistência, quando o primeiro considera que a Estética deve ser refutada pelo fato de reduzir a obra a objeto de sensação e consumo o que aproximar resistência à arte. De outro modo, Rancière discute as ambiguidades e os paradoxos de tal conceito e acredita que a arte resiste em si, materialmente e esteticamente. O que leva, na contemporaneidade, a uma metapolítica dos modos de resistência ao desvincular a arte tanto da militância política como da estetização mercadológica.

O artigo seguinte analisou a violência na literatura e na arte brasileira sob as lentes de Alva Martínez Teixeira no artigo “*Eu quis o medo mas não o pude ter— violência e estranhamento nas práticas literárias e artísticas de Nuno Ramos*”, o trabalho foca na obra desse artista contemporâneo como uma das possíveis vias para construir outro tipo de representação da violência na Literatura e na Arte brasileiras atuais por conta da avaliação de temas e procedimentos interartes, com viés no estranhamento, na abjeção e no grotesco. Além disso, analisa a distância entre sua filosofia estética e elementos artísticos e literários por ele utilizado como: opressão, crueldade, alienação.

Finalizamos o dossiê temático observando o trabalho com a terra e seu respeito às tradições e culturas dos povos originários em “Fibras e cipós: artes Wapichana e

Tupinambá em diálogo, de Valdelia Cadete Tenente, Randra Kevelyn Barbosa Barros e Ananda Machado, que comparam os saberes artesanais de povos originários na tarefa de fabricação, do primeiro, de papel artesanal com fibra de bananeira (Wapichana/RR) e o segundo, de objetos de cipó (Tupinambá/BA). A pesquisa estuda como as/os artistas Valdélia Tenente (Wapichana), Maria da Glória Tupinambá, Lírio da Serra (Tupinambá) confeccionam esses materiais. A resistência dessas culturas, demonstram que fazeres específicos dos povos originários entrelaçam saberes e conectam arte, escritura, ciência e ecologia, com o intuito de respeitar e cuidar da Mãe Terra.

Na sessão de artigos de temas livres, iniciamos com *“Leitura, poder e fake news: como enfrentar a (des)informação na era da (pós)verdade?”* de Bianca Ayala Melo Di Alencar e Anísio Batista Pereira, que reflete sobre as estratégias de exercício do poder por meio da propagação de fake news na rede, tomando por base a concepção de que a constituição de sujeito se dá pelas práticas discursivas. A autora busca entender de que maneira esse problema poderia ser solucionado ou amenizado.

No segundo artigo, partindo da profunda culpabilidade apreendida pelo sujeito nas narrativas de Herta Müller e de Samuel Beckett, a autora Olga Kempinska, em *“O discurso da mentira e as poéticas bilíngues”*, explora a experiência da linguagem em sua relação com o sofrimento psíquico e físico, partindo desde a estrutura do duplo em Dostoiévski até o humor mórbido kafkiano. A autora reflete sobre o bilinguismo e sua contradição com a homogeneidade do pensamento totalitário das colagens e das narrativas de Herta Müller, e sobre a questão da experiência do inominável em Samuel Beckett.

Em *“Feias, quase cabeludas: a seleção de Benedito Nunes acerca da contística de Haroldo Maranhão”*, o autor Flávio Jorge Leal e a autora Maria Fátima do Nascimento, evidenciam a presença do crítico literário Benedito Nunes como um dos primeiros leitores e críticos da obra do autor paraense Haroldo Maranhão e as escolhas que fez para compor a antologia *Feias, quase cabeludas* (2005). O texto ainda apresenta um breve estudo de contos selecionados dessa antologia.

Em seguida temos o artigo *“A mitificação de Buenos Aires nos poemas “Las Calles” e “Arrabal” de Jorge Luis Borges”* de Giovana Reis Lunardi, a autora analisa os poemas de Jorge Luis Borges, *“Las Calles”* e *“Arrabal”*, de modo que a leitura dos poemas

visa à compreensão da maneira como a cidade de Buenos Aires é descrita por Borges em um espaço mítico e que diante das imagens das ruas e dos arrabaldes, a formação da cidade de Buenos Aires pode ser caracterizada pelas memórias reais e ficcionais do poeta.

O artigo “*Movimentos telúricos: erotismo e metáfora na poética de Susana Thenón*” de Lisbeth Juliana Monroy Ortiz, apresenta uma análise de trechos de duas obras de Susana Thenón, *Distancias* (1984) e *Ova completa* (1987), com o objetivo de refletir sobre as decorrências que sua compreensão do espaçamento tem tanto na fundamentação de uma poética erótica ou, inversamente, de um erotismo poético.

Refletindo sobre a combinação entre as escritas íntimas e de metaficção, a autora Talita Jordina Rodrigues, em “O escritor e sua bolha: escrita íntima e metaficção”, analisa as obras *Os diários de Emilio Renzi – Anos de Formação* e *Black out*, de Piglia e Moreno, ao buscar como esses textos se apresentam no campo literário que seus autores estão inseridos.

Fechamos essa edição com a resenha “Narrações da ditadura: para uma ecologia das memórias”, da autora de Marianna Scaramucci. Essa análise, escrita por Lua Gill da Cruz, tece uma leitura pertinente sobre a importância dessa obra para a crítica literária sobre a ditadura e para a literatura contemporânea.

Vimos que o dossiê tem vários caminhos possíveis para levar o leitor a compreender a necessidade de pensarmos a contemporaneidade na esteira de entendermos que tudo o que vivemos está passivo a mudanças e lutamos para que essa mudança possa possibilitar que nossa sociedade seja mais cheia de cultura e arte. Boa leitura e digamos todos não aos golpes e sim a democracia. Sempre!

Os organizadores